

## A literatura como resistência e subversão:

### Miguel de Cervantes, Max Aub e Julián Ríos diante da autoridade

Max Hidalgo Nácher

Universitat de Barcelona (UB)

[maxhidalgo@ub.edu](mailto:maxhidalgo@ub.edu)

[max.hidalgo@gmail.com](mailto:max.hidalgo@gmail.com)

Os Estados atribuíram à escrita, desde pelo menos os tempos de Gutemberg e da imprensa, um indubitável poder de transgressão. Uma das acepções da categoria de autor que ainda hoje usamos tem a sua origem na obrigação de escrever um nome próprio na capa dos livros para permitir reconhecer ao responsável legal dos textos. Nesse momento, o escritor vira um criminal em potência.

É assim como, desde o século XVII, a literatura se constitui não só como um instrumento de denúncia direta dos regimes autoritários, mas também como um espaço de jogo e de vacilação do sentido que a faz entrar numa dimensão de ambiguidade. Um livro como *Don Quijote* (1605-1615) mobiliza as contradições do contexto monológico da Contrarreforma e pode ser lido, ao mesmo tempo, como um livro superficial (de ócio) e como uma formidável maquinaria crítica e lúdica que abre, em um contexto de ausência de liberdade, um espaço restrito onde ela é possível como livre jogo das interpretações. No curso veremos a importância da leitura e do conflito entre o catolicismo e a reforma protestante para entender a especificidade da escritura de Cervantes. Pois, em um contexto autoritário, a leitura abre o espaço dos pontos de vista e do jogo *de las burlas y las veras* (Cervantes), da ficção e da realidade. Américo Castro já afirmou:

«El *Quijote* es un libro forjado y deducido de la activa materia de otros libros. La primera parte emana radicalmente de los libros leídos por don Quijote; la segunda es, a su vez, emanación de la primera, pues no se limita a seguir narrando nuevos sucesos, sino que incorpora en la vida del personaje su conciencia de estar ya preexistiendo en otro libro».

O curso apresentará, com o estudo de três casos, os modos como a literatura pode constituir-se em um motor da crítica e de corrosão do autoritarismo mediante a sua especificidade (Rancière). Além do caso de Cervantes, estudaremos dois casos da Espanha do século XX: Max Aub, autor exilado na Guerra Civil (1936-1939), e Julián Ríos, renovador da prosa espanhola desde a década dos anos setenta. Foi Ríos quem afirmou, atualizando a Cervantes: “Cuando Cervantes funda la novela moderna con *Don Quijote* y establece lo que se podría llamar el ‘principio de incertidumbre’ (empezando, em la primera página, por las conjeturas sobre el nombre de su Hidalgo), la lectura de aventuras implicará

también las aventuras de la lectura”. Em um outro lugar, afirma que Don Quijote foi também um exilado, pois os seus herdeiros não foram os novelistas espanhóis:

“Fue allá, al otro lado de la Mancha, del canal de la Mancha, donde el *Quijote* va a encontrar su genuina descendencia, sus primeros seguidores y continuadores, en las obras de Fielding, Goldsmith, Smollet y Sterne principalmente. Como si el barco encantado de don Quijote hubiese escapado [...] dejando atrás a España sola o mal acompañada durante –se dice pronto– casi tres siglos”.

Si *El Quijote* estava construído sobre o jogo da ficção e da realidade, uma parte da literatura de Aub se constitui também nesse quício entre o documental e o ficcional, mas agora com uma vocação claramente ética e política. O próprio Aub falou da origem dessa problemática na sua “Carta al presidente Vicente Auriolo”. Max Aub (1903), depois de receber uma denúncia (falsa) acusado de comunista, escreveu:

“Yo, Max Aub, no existo: el que vive es el peligroso comunista que un soplón denunció un día, supongo que por justificar un sueldo. Ése soy yo, y no yo, Max Aub, ése que yo conozco y con quien estoy hablando, y que con el mayor respeto le escribe. Tal vez lo esté haciendo con una pequeña esperanza de que este Max Aub de papel que le presento, pueda vencer al otro de cartoncillo que tiene fichado la policía”.

O Max Aub de papel construiu ficções históricas e documentos ficcionais, fazendo visível uma diferencia e distância radical entre ele e o espaço nacional da literatura espanhola. Como Aub escreveu em *La gallina ciega* –um diário ficcional da sua visita a Espanha no ano 1969–, “precisamente porque ganaron ellos, la vida española de hoy está construida en la mentira”. Aub considerará, desse modo, que a ficção pode trasladar de modo mais fidedigno a realidade do que os discursos referenciais e, para alcançar essa “verdade”, construirá até falsificações.

A estratégia de Ríos (1941) é bem diferente, e consiste em abrir a literatura espanhola à literatura contemporânea. A crítica do franquismo, regime ditatorial que governou Espanha durante quarenta anos, passa em Ríos por uma crítica da linguagem e das retóricas oficiais para instituir uma festa da linguagem que poderia se caracterizar como uma *linguaviagem*, e que Ríos nomeou *liberatura*. O estudo da obra de Ríos será indissociável do interesse do escritor pelas literaturas estrangeiras e, dentro de Espanha, da trilogia de Juan Goytisolo (os romances *Señas de identidad*, *Juan sin tierra* e *Reivindicación del conde don Julián*). O caso *Larva* é, nesse sentido, paradigmático.

O curso indagará, mediante o estudo desses casos, como a literatura foi historicamente, e pode ser ainda hoje, um elemento de crítica ou de resistência em contextos autoritários, não só a causa dos seus conteúdos, mais também pelo seu modo de enunciação.

1. Atualidades do autoritarismo e políticas da literatura.
2. Literatura e leitura na época de Gutenberg.
  - a. Reforma e Contrarreforma.
  - b. Posições autorais, práticas de leitura
  - c. O caso do *Quixote*. Os capítulos mais importante do *Quixote* serão:
    - Cap. VI, 1º livro, «Del donoso y grande escrutinio...».
    - Cap. VIII, 1º livro, «Del buen suceso que el valeroso Don Quijote tuvo en la espantable y jamás imaginada aventura...».
    - Cap. IX, 1º livro, «Donde se concluye y da fin a la estupenda batalla que el gallardo vizcaíno y el valiente manchego tuvieron».
    - Cap. XXXII, 1º livro, «Que trata de lo que sucedió en la venta a toda la cuadrilla de Don Quijote».
    - Capítulo XVIII, 2º livro, «De lo que le sucedió a Don Quijote en el castillo o casa del Caballero del Verde Gabán...».
3. Literatura e autoritarismo no século XX: o caso espanhol
  - a. Max Aub: uma voz no exílio.
  - b. Julián Ríos: a modernidade literária e a *liberatura*.

## CORPUS

Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha* (1605-1615)

Max Aub, *Josep Torres Campalans* (1958), Madrid, Destino, 1999

Max Aub, *La gallina ciega. Diario español* (1971), edición, estudio introductorio y notas de Manuel Aznar Soler, Barcelona, Alba Editorial, 1995

Max Aub, *El teatro español sacado a la luz de las tinieblas de nuestro tiempo*, Madrid, Tipografía de Archivos. Olózaga, I, 1956 (1971)

Max Aub, *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco* (1960), Madrid, Cuadernos del Vigía, 2014

Max Aub, *Hablo como hombre*, Castellón, Fundación Max Aub, 2002

Max Aub, *Manuscrito cuervo*, Madrid, Cuadernos del Vigía, 2010

Julián Ríos, *Larva. Sueño de una noche de Babel*, Barcelona, Llibres del Mall, 1984

Julián Ríos, *Álbum de Babel*, Barcelona, Muchnik, 1995

Vários autores, *Palabras para Larva*, Barcelona, Edicions del Mall, 1985

## BIBLIOGRAFIA

Agamben, Giorgio, “Política del exilio”, traducido por Dante Bernardi, *Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura*, Barcelona, nº 26–27, 1996

Agamben, Giorgio, *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*, Belo Horizonte, UFMG, 2014

Aznar Soler, Manuel (1995), “Max Aub en el laberinto español de 1969” (p. 7-86), em Aub, Max *La gallina ciega. Diario español*, edición, estudio introductorio y notas de Manuel Aznar Soler, Barcelona, Alba Editorial, 1995.

Bajtín, Mijail, *Problemas da poética de Dostoiévski*, Rio de Janeiro, Forense, 2013

Castro, Américo, “La palabra escrita y el *Quijote*”, en George Haley (ed.), *El Quijote de Cervantes*, Madrid, Taurus, 1980

Chartier, Roger y Cavallo, Guglielmo, *História da leitura no mundo ocidental* (2 vols.), São Paulo, Ática, 1998 e 1999

Chartier, Roger, *O que é um autor*, São Paulo, UFScar, 2012

De Marco, Valeria (1996), “Historia de Jacobo: la imposibilidad de narrar” (pp. 559-565), em Alonso, Cecilio (ed.), *Actas del congreso internacional Max Aub y el laberinto español*, Valencia, Ayuntamiento de Valencia

De Marco, Valéria, “Max Aub, leitor de Cervantes” (pp. 204-215), *Literatura e Sociedade* (USP), v. 9, 2006

De Marco, Valéria, “Max Aub: uma poética do exílio” (pp. 115-129), *Aletria*, nº 2, vol. 19, jan-jun 2009

Derrida, Jacques, *Essa estranha instituição chamada literatura. Uma entrevista com Jacques Derrida*, Belo Horizonte, UFMG, 2014

Foucault, Michel, *O que é um autor*, em *Ditos e escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006

Hidalgo Nácher, Max, “Visión y ceguera de España en 1969. *La gallina ciega* de Max Aub”, *Historia actual online*, nº 42(1), 2017, pp. 129-140

Kristeva, Julia, “A palavra, o diálogo, o romance”, em *Introdução à semanálise*, São Paulo, Perspectiva, 1974

Muñoz Molina, Antonio, “Destierro y destiempo de Max Aub” (pp. 55-88), en Max Aub y Antonio Muñoz Molina, *Destierro y destiempo. Dos discursos de ingreso en la Academia*, Valencia, Pre-Textos, 2004

Ríos, Julián, *Quijote e hijos*, Barcelona, Galaxia Gutenberg, 2008

Sánchez Zapatero, Javier, *Max Aub y la escritura de la memoria*, Sevilla, Renacimiento, 2014

Schlegel, Friedrich, “Sobre a incompreensibilidade”, *Alea*, vol. 13, nº 2, Rio de Janeiro, Julho-December 2011

Williams, Raymond, “Literatura”, em *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979